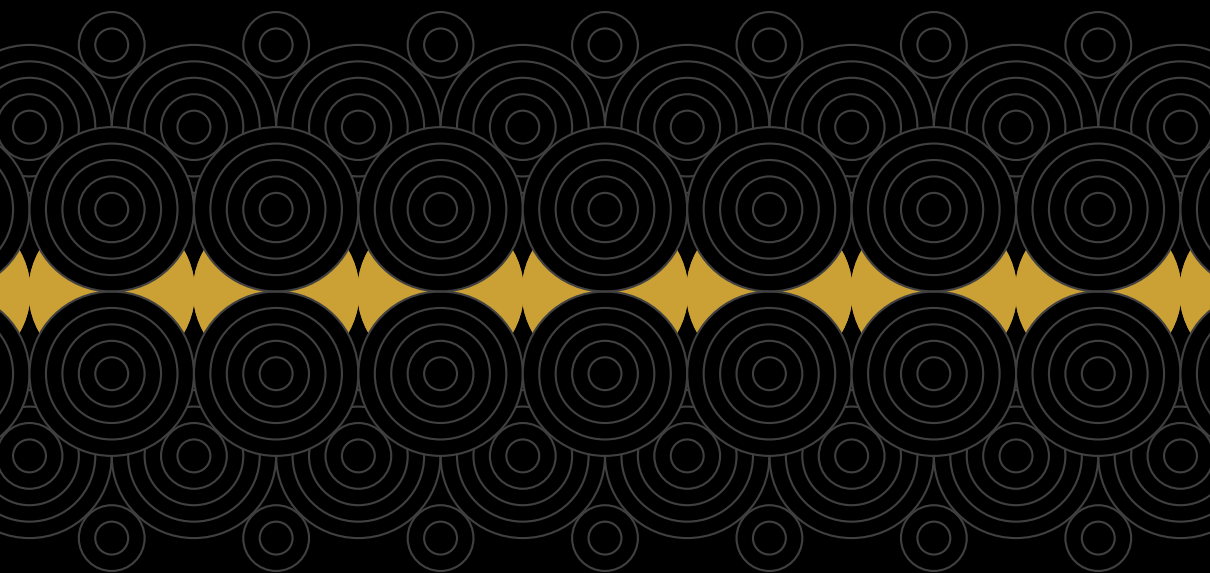


CLUBE DE LEITURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA
URSULA K. LE GUIN

ODISSEIA +55 2210001



ORGANIZADO POR
FLÁVIO LUIS DE MELLO & OSAME KINOCHI

CLUBE DE LEITURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

URSULA K. LE GUIN

ODISSEIA +55 2210001

Organizado por

Flávio Luis de Mello & Osame Kinouchi

Copyright © 2026 Os autores de cada artigo, André C. R. Martins, B B Jenitez, Celso Carvalho, Clinton Davisson Fialho, Flávio Luis de Mello, Gerson Lodi-Ribeiro, Jorge Stolfi, Miguel Carqueija, Osame Kinouchi, Rodrigo Silva do Ó e Ursulla Mackenzie.

Todos os direitos reservados ao Clube de Leitura de Ficção Científica Ursula K. Le Guin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

Odisseia +55 2210001/ organização Flávio Luis de Mello & Osame Kinouchi. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2026.

– (Clube de leitura de ficção científica : Ursula K. Le Guin)

Vários autores.

ISBN 978-65-02-43526-7

1. Ficção científica 2. Inteligência artificial I. Mello, Flávio Luis de. II. Kinouchi, Osame. III. Série.

26-405430.0

CDD-B869.308762

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura brasileira

B869.308762

Primera edição, 2026

ISBN 978-65-02-43526-7

APRESENTAÇÃO

ESTA ANTOLOGIA é composta apenas por material produzido por membros do *Clube da Leitura de Ficção Científica Ursula K. Le Guin*. Então é preciso primeiro apresentar o clube. A sigla *CLFC Ursula K. Le Guin* é enganosa. O clube é de “leitura”, não apenas de “leitores”. E embora temos oito membros do *Clube de Leitores de Ficção Científica*, vários deles presentes nesta antologia, não somos de forma alguma uma subseção do CLFC ou qualquer coisa do gênero.

Explicado o que o clube não é, resta explicar o que o clube é. A melhor abordagem para isso é histórica e institucional. O clube surge como uma atividade de Cultura e Extensão, no ano de 2020 durante a pandemia, sob iniciativa de Osame Kinouchi, docente de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Nestes setes anos de funcionamento ininterrupto o clube recebeu apoio da USP na forma de bolsas para estudantes auxiliarem na organização das reuniões, seleção de contos semanais etc.

O projeto está ligado a um projeto maior chamado Divulgação Científica a partir da Ficção Científica, que recentemente foi renovado para mais quatro anos a partir de 2027. Esse projeto conta com um cineclube de ficção científica chamado *CineCiência*, e a *Biblioteca Roberto. C. Nascimento*, de cerca de três mil títulos de ficção científica restritos a edições apenas em Português. Também se realiza nas férias um clube de leitura de ficção científica filosófica voltado para o público 60+.

Esta antologia nasce do esforço dos participantes do clube em incentivar a escrita criativa dos membros, especialmente aqueles que nunca escreveram em

suas vidas. No caso desta antologia, chamo a atenção para os contos de Jorge Stolfi, obras primas no sentido de obras primeiras, mas também excepcionais, por lembrarem Stanislaw Lem e Borges.

O título remete à protoficção científica de Homero, que pode ser encarada como ancestral de *Star Trek*: um capitão comanda uma nave por territórios desconhecidos, enfrentando perigos, monstros e deuses, numa aventura de dez anos (somando Pike e Kirk), em meio a um pano de fundo de guerra, problemas éticos e envolvimento com belas mulheres que no original de Homero são: Circe (feiticeira belíssima), Calipso (ninfá poderosa) e Nausicaa (princesa jovem e bela). Odisseu (Kirk) gasta anos se envolvendo com mulheres belíssimas enquanto Penelope (Carol Marcus) cria seu filho sozinha. Sim, Kirk de novo aqui! Será que nunca percebemos isso?

O título Odisseia +55 2210001 carrega, em sua aparente estranheza, duas chaves de leitura. O prefixo +55 é o código telefônico internacional do Brasil, marcando de forma inequívoca a origem desta antologia de ficção científica. Já o número 2210001 é um convite ao leitor para que solucione uma charada, escrito em base não binária que alude à premissa da antologia: cada autor convidado poderia oferecer até três contos. Assim, o título une, em um único gesto, os arquétipos de exploração e o conceito de mundos desconhecidos que influenciaram profundamente o gênero de ficção científica, além da identidade brasileira da obra e o princípio estrutural que a originou.

A antologia mistura escritores consagrados como Ursula Mackenzie, Gerson Lodi-Ribeiro, Miguel Carqueija e Clinton Davison com escritores menos conhecidos, mas menos entusiastas. Acredito que a qualidade dos textos é razoavelmente uniforme e o leitor estará adquirindo um retrato atual, e mesmo inovador, da boa ficção científica brasileira.

Ribeirão Preto, 15 de outubro de 2026.

Osame Kinouchi (B. B. Jenitez)

PREFÁCIO

A FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA aprendeu a olhar para o infinito sem abandonar o chão em que pisa. Se no passado a busca por uma identidade já era algo desejado e várias vezes ensaiado, hoje isso já é algo cotidiano. Nesta coletânea, esse olhar se multiplica em vinte e três contos que atravessam tempos, espaços e possibilidades com a liberdade própria de quem escreve a partir de um país continental, contraditório e cheio de futuros por inventar. Aqui convivem inteligências artificiais que questionam a própria humanidade, viagens no tempo que interrompem o curso da ética, space operas com elementos humanos e políticos, sátiras que são tão raras nesse gênero literário, aventuras em ambientes tecnológicos, crimes e investigações suportados por várias ciências, horrores especulativos perfeitamente plausíveis, histórias alternativas, e muitas, mas muitas referências ocultas à obras e autores admirados. Afinal, é um material produzido por membros de um clube de leitura. Os autores reunidos demonstram a maturidade e a diversidade da ficção científica nacional.

Em *Sob Responsabilidade Humana*, Gerson Lodi-Ribeiro apresenta um homem reduzido a um cérebro em uma cúpula que descobre verdades devastadoras sobre sua existência e o destino da humanidade.

*Vozes**, de André C. R. Martins, retrata um Brasil inundado onde inteligências artificiais manipulam desejos coletivos e aprofundam a polarização social.

Com o humor de Miguel Carqueija, *O Capitão Barbosa se Defende** mostra um comandante da Frota Espacial Brasileira tentando explicar o caos causado por um passageiro e seu animal de estimação alienígena.

*Inédito

*Fibonacci**, de Flávio Mello, é uma peça experimental e poética que evoca a conquista do espaço por meio de estrofes com metrificação definida por uma série matemática.

Em *Demiurgo*, B. B. Jenitez reúne físicos em um jantar para discutir a criação artificial de universos e a possível existência de um criador limitado.

*Doutor Mexilhão Viaja no Tempo**, também de Miguel Carqueija, acompanha o excêntrico cientista em uma comédia de acidente temporal após um salto na cidade maravilhosa.

Em *Deleção Temporal*, B. B. Jenitez explora as consequências éticas de apagar pessoas do fluxo do tempo para tentar eliminar o mal.

Em *Agência de Crimes Cronológicos**, de Clinton Davisson Fialho, o idoso Emanuel Pereira, no leito de morte em 2066 e sofrendo de Alzheimer, recebe a visita de um agente da Intempol. Em 2026, ele havia salvo o agente de um acidente temporal envolvendo terroristas e uma bomba termonuclear. Como recompensa, pede para ser levado de volta a 1986 e assistir a si mesmo, ainda menino, jogando sua melhor partida de futebol.

Em *Lapsos em Aljubarrota*, de Gerson Lodi-Ribeiro, agentes temporais investigam anomalias na Batalha de Aljubarrota e descobrem observadores alienígenas. Um viajante de um futuro distante os impede de intervir, evitando um paradoxo que destruiria a Península Ibérica.

*Dia 27**, de Jorge Stolfi, revela trabalhadores de uma Intervenção interestelar usando tecnologia avançada para construir as pirâmides do Egito, baseado em fato real.

De volta ao ambiente ficcional do Vampiro de Palmares, Gerson Lodi-Ribeiro traz em *O Braço Longo do Pai Negro de Além-Mar** uma Palmares vitoriosa e poderosa, um agente e seu protegido sobrenatural embarcam numa missão à África para forçar monarcas traficantes de escravos a se aliarem ao Zumbi, ou enfrentarem o braço longo da República.

*Julia**, de B. B. Jenitez, conta a história de um estudante que descobre inconsistências inquietantes na vida da mulher que ama, sugerindo universos paralelos.

*Inédito

*Em Facada no Coração do Mundo**, Rodrigo Silva do Ó cria um Rio de Janeiro alternativo onde uma detetive investiga um assassinato que atravessa o mundo dos vivos e dos espíritos.

*Tintas da Noite**, de Miguel Carqueija, segue duas agentes secretas em uma missão de infiltração contra uma megacorporação sombria.

Celso Carvalho, em uma São Paulo cyberpunk tomada por *Tempestades de Poeira** e corporações, acompanha dois policiais chipados que investigam o assassinato de um traficante de armas e neurovírus. Ao seguir o rastro digital do crime, descobrem que o próprio Consórcio que governa a cidade está envolvido e agora são eles os próximos alvos.

O Nevoeiro, de Ursulla Mackenzie, revive o terror marítimo clássico quando uma expedição oceânica desperta uma criatura ancestral.

Em *O Raio**, André C. R. Martins apresenta sobreviventes de uma terra devastada surpreendidos por um feixe de energia devastador pertencente a uma inteligência antiga e solitária.

No mundo pós-colapso de *Fronteira Ciborgue**, Celso Carvalho apresenta a ciborgue Milena que foge de caçadores misóginos através de tundras congeladas, em direção a um refúgio proibido além do Grande Rio, onde mulheres-máquina podem ser livres.

Pista Norte, de Ursulla Mackenzie, mostra um engenheiro que, durante a construção de uma rodovia paulista nos anos 1970, descobre gigantes vivendo sob a Serra do Mar.

*A Debandada**, de André C. R. Martins, acompanha uma exploradora em planetas abandonados e revela por que civilizações inteiras fugiram de seus mundos.

Em *Errare Humanum Est**, Jorge Stolfi narra a desventura de um viajante espacial que foi desorbitado no planeta errado por um erro de inteligência artificial.

O Arquipélago, de Ursulla Mackenzie, conta a história de uma bióloga isolada após um cataclismo que drena os oceanos e desperta novas ameaças.

Por fim, *São Doidos, Esses Franceses**, de Jorge Stolfi, transforma o Brasil colonial em uma comédia de erros militares envolvendo piratas franceses e buro-

*Inédito

cracia absurda, um texto repleto de referências disfarçadas à literatura contemporânea.

Que o leitor se permita perder-se entre estas páginas. Que ria com as várias sátiras, se comova com as vozes que tentam salvar o que resta de nós, e se pergunte, diante de situações desconfortáveis, até onde vai a audácia humana.

Boa viagem.

Rio de Janeiro, 08 de outubro de 2026

Flávio Luis de Mello

SUMÁRIO

<i>Sob Responsabilidade Humana</i>	I
GERSON LODI-RIBEIRO	
<i>Vozes</i>	21
ANDRÉ C. R. MARTINS	
<i>O Capitão Barbosa se Defende</i>	35
MIGUEL CARQUEIJA	
<i>Fibonacci</i>	41
FLÁVIO LUIS DE MELLO	
<i>Demiurgo</i>	46
B. B. JENITEZ	
<i>Doutor Mexilhão Viaja no Tempo</i>	52
MIGUEL CARQUEIJA	
<i>Deleção Temporal</i>	54
B. B. JENITEZ	
<i>ACRON — Agência de Crimes Cronológicos</i>	57
CLINTON DAVISSON FIALHO	

<i>Lapsos em Aljubarrota</i>	65
GERSON LODI-RIBEIRO	
<i>Dia 27</i>	84
JORGE STOLFI	
<i>O Braço Longo do Pai Negro de Além-Mar</i>	92
GERSON LODI-RIBEIRO	
<i>Julia</i>	117
B. B. JENITEZ	
<i>Facada no Coração do Mundo</i>	121
RODRIGO SILVA DO Ó	
<i>Tintas da Noite</i>	130
MIGUEL CARQUEIJA	
<i>Tempestade de Poeira</i>	140
CELSO CARVALHO	
<i>O Nevoeiro</i>	157
URSULA MACKENZIE	
<i>O Raio</i>	165
ANDRÉ C. R. MARTINS	
<i>Fronteira Ciborgue</i>	171
CELSO CARVALHO	
<i>Pista Norte</i>	175
URSULA MACKENZIE	

A Debandada 181

ANDRÉ C. R. MARTINS

Errare Humanum Est 185

JORGE STOLFI

O Arquipélago 190

URSULLA MACKENZIE

São Doidos, Esses Franceses 195

JORGE STOLFI

I

SOB RESPONSABILIDADE HUMANA

GERSON LODI-RIBEIRO

QUANDO EU era garoto, pensava que as coisas ruins só aconteciam na casa do vizinho. Acidentes e fatos desagradáveis, apenas a parentes distantes. Em idos de 49, quando eu já tinha percorrido, grosso modo, metade da adolescência, meu velho morreu no grande surto de hemopatia viral mutagênica, pandemia que atingiu as principais concentrações urbanas do hemisfério sul àquela época. Claro que me senti tremendamente abalado. No entanto, tentei me convencer de que aquela perda constituiu um ponto fora da curva; a exceção que confirmaria a regra.

Mas chega um momento na sua vida que você tem que encarar as coisas como elas são. Sem rodeios. Sem subterfúgios. Porque o acidente aconteceu comigo. Um bruto acidente.

Não sobrou muito para contar a história. No entanto, segundo o Dr. Fernandes, a equipe médica deu um jeito naquele pouco que sobrou. As coisas acabaram dando certo. Ao menos, no sentido de que eles conseguiram salvar minha vida.

Giro um dos sensores visuais secundários e observo, algo distraído, os indicadores de um console acoplado ao biocomputador. Examino em simultâneo as informações das cinco telas que estão exibindo trechos do meu eletroencefalograma. Agora, foco a objetiva primária no pedestal cilíndrico que ocupa o lugar

2

VOZES

ANDRÉ C. R. MARTINS

DAVISSON CONTEMPLOU a devastação: uma área urbana transformada em um ermo alagado e encharcado. Parou por um instante para refletir, mas não conseguia compreender por que Alice escolhera aquele cenário caótico para aquele encontro. Os restos estilizados da cidade se estendiam à sua frente. Fiações elétricas pendiam inertes. Ao redor, prédios permaneciam em uma desolação solene. Era um bairro residencial, casas populares que não atraíam o mesmo tipo de resposta rápida que regiões mais ricas recebiam. O ciclone atingira a área havia menos de um dia, e a linha do mar havia recuado ao seu lugar habitual. Ao seu lugar habitual no último ano, isto é. Quando Davisson era criança, Cubatão não era uma cidade litorânea. A maioria dos habitantes, agora, já tinha certeza de que a área onde ele estava voltaria a ficar submersa em poucos anos. E que, quando acontecesse, seria água salgada, não uma enchente. Essa certeza já significava que menos pessoas viviam na região. Davisson ouvia as ondas, mas o mar não era visível. E ele tinha assuntos mais urgentes em mente. Ainda refletia sobre o enigma do pedido de Alice.

Os olhos de Davisson varreram a área destruída, procurando um caminho que o levasse à escola, um lugar carregado de lembranças do projeto universitário deles, cinco anos antes. Ele se lembrava do antigo prédio de tijolos, um dos maiores da região, onde ele e Alice haviam reunido informações vitais junto à população local. Na época, era um projeto voltado a informar preferências de IA explorando a sabedoria coletiva da comunidade. Aquele local fora incluído no estudo porque estava ameaçado pela elevação incessante do nível do mar. Pelo menos era isso que tinham dito para ele. Ele

3

O CAPITÃO BARBOSA SE DEFENDE

MIGUEL CARQUEIJA

RELATÓRIO DO Capitão Barbosa, Comandante da nave Antaprise, a seu superior, o General Carranca, da Frota Espacial Brasileira:

Senhor General, escrevo na intenção de esclarecer todos os fatos, visto que a Senhora Anabelle Rockefeller me acusa de ter espancado o seu filho adolescente e de ter tentado matar o bicho de estimação dele, um saltarino conhecido como Nonô. Ora bem, meu general, acredito que a serena exposição dos fatos mostrará claramente que em nenhum momento eu tive a intenção de bater no peste, digo, no filho da senhora em questão, tampouco fazer qualquer mal ao monstrinho, quer dizer, ao bichinho de estimação do rapaz.

Tudo começou sábado passado, no Astroporto do Rio de Janeiro, quando eu estava prestes a embarcar na Antaprise para uma viagem de rotina à colônia marciana, à Cidade Internacional. Nesse momento fui abordado pelo Coronel Armênio Malagueta, que me apresentou a senhora em questão e seu menino.

— Ela irá com o garoto na sua nave, Capitão Barbosa.

Fiquei olhando para ele, sem entender, e como eu nada dissesse o coronel falou visivelmente irritado:

— O senhor ouviu o que eu falei?

— Sim, coronel, escutei, mas... mas... mas...

— Mas o que, capitão?

— É que nós não somos uma nave de passageiros, por isso...

4

FIBONACCI

FLÁVIO LUIS DE MELLO

Três,
Dois,
Um,
Rum!

35°C
–30°C
–90°C
–155°C

Subo.
Olho.
Meu lar!
Girar.

A queima
acaba.
É hora
da vela.

5

DEMIURGO

B. B. JENITEZ

— **A**S OPÇÕES são simples — conclui — Ou é fisicamente possível criar um universo-bebê em laboratório, ou não é possível. Weinberg e outros já mostraram que é teoricamente possível. Assim, para cada universo natural existem bilhões de universos artificiais (usando o número conservador de uma única tecnocivilização por galáxia). Portanto, com toda probabilidade, o nosso universo é um daqueles criados artificialmente e podemos concluir que Deus existe.

Q.E.D.¹

Se você quer ver físicos discutindo religião, basta lhes dar uma mesa de jantar com um bom vinho e uma noite estrelada. E os jantares ao ar livre na casa de Antony e Rosa correspondiam a experimentos gastronômicos regados a ótimos vinhos. Tony retrucou:

— Que Deus? Uma civilização ou mente habitando um universo-mãe? Isso é um deus falível e limitado, o Demiurgo dos gnósticos — Antony é um ateu que reverencia sutilezas teológicas, digamos assim.

— OK, uma Demiurga que gera universos-bebês — concedi, sorrindo para Rosa por ser politicamente correto. — Mas isso explicaria o problema do ajuste fino das constantes universais e das leis da física, que não só permitem como parecem promover o surgimento de estrelas e da química orgânica. Os universos-bebês herdaram essas leis, com pequenas mutações, e aqueles que mais favorecem a emergência de gaias pensantes acabam gerando mais filhos e assim por diante.

— Calma, mais devagar... — interrompeu Mauro — Você está caindo em uma regressão sem fim! Quem criou o primeiro universo-bebê? Como surgiu o primeiro de-

¹em latin, *quod erat demonstrandum*, o que havia de ser demonstrado

6

DOUTOR MEXILHÃO VIAJA NO TEMPO

MIGUEL CARQUEIJA

O GRANDE sábio Doutor Mexilhão andava muito ocupado em seu laboratório, desenvolvendo a máquina do tempo, inspirada nas histórias do Professor Papanatas e Brucutu. Com o modelo matemático já bem adiantado, Mexilhão não via a hora de dar início às planejadas incursões pelo tempo: passado e futuro.

O que ele não contava era ser assaltado ao voltar para casa certa noite, passando por uma viela deserta para encurtar caminho, esquecido que no Rio de Janeiro todo cuidado é pouco.

— Passa o dinheiro todo pra cá, bicho feio!

— Que história é essa? Eu sou o Doutor Mexilhão, tenha mais respeito!

— Mais uma palavra e te passo fogo! Vai passando a grana!

O pobre cientista foi obrigado a entregar todo o dinheiro que trazia e por fim o bandido apalpou seus bolsos mantendo a mira do 38, e pegou moedas, relógio e objetos diversos, além do celular.

— Até o meu pente?

— Está em bom estado. É só escaldá-lo, caso você tenha caspa. Agora desguia, velho! Cai fora e não me segue!

Mexilhão correu para casa, furioso e já com o plano de vingança na mente. Não se importava com a perda do celular, pois o mesmo estava sem chip e era puro engodo para satisfazer assaltantes. Mas o dinheiro iria fazer falta, sem dúvida! Cartão por sorte ele só levava para a rua quando saía de manhã e voltava de dia.

7

DELEÇÃO TEMPORAL

B. B. JENITEZ

— V OCÊ NÃO tem o direito de pedir isso para a Letícia, pai! E ela não tem o dever de aceitar.

Letícia continuava em silêncio, olhos brilhando, pensativa.

— Léo, deixa ela decidir. Meu único argumento é que é muita coincidência! E era mesmo. Em uma de suas viagens temporais, Raphael, piloto do Berço e irmão mais novo de Leonardo, descobriu que um jovem líder da extrema direita, um verdadeiro Hitler, iria prejudicar milhões de brasileiros e nasceria de uma professora que trabalhava a um quarteirão de minha casa, na escola Hermínia Gugliano da Vila Tibério em Ribeirão Preto. A mesma escola onde Letícia fazia estágio de Pedagogia da USP!

— Léo, deixa seu pai falar — disse finalmente Letícia. — O que eu precisaria fazer exatamente, sr. Jenitez?

— Nada eticamente errado, acho. Você não estará matando um bebê ou mesmo um feto como no clássico paradoxo de matar um Hitler criança para evitar a 2ª Guerra Mundial. No nosso caso, temos tempo para usar apenas um anticoncepcional simples.

— Mas e se a professora estiver querendo engravidar? — Insistiu Leonardo.

— Isso será adiado por apenas um mês. — E, Letícia, a única coisa que você tem que fazer é colocar um anticoncepcional líquido na bebida da professora.

— Ela não pode perceber, mas acho que dá para fazer isso — afirmou a confiante Letícia enquanto pegava o remédio das minhas mãos.

— Pai, você sempre inventa essas ações que desafiam a ética pretendendo consertar o mundo. Agora vai começar a deletar temporalmente as pessoas que são do Mal segundo sua opinião?

8

ACRON — AGÊNCIA DE CRIMES CRONOLÓGICOS

CLINTON DAVISSON FIALHO

EMANUEL PEREIRA estava em seu leito de morte quando o agente temporal da ACRON — Agência de Crimes Cronológicos — apareceu em seu quarto depois de um clarão. Foi como quando os carros que passavam por baixo da janela do hospital no final da tarde e seus para-brisas refletiam a luz do sol para dentro de seu quarto.

O ano era 2066 e o agente se vestia como se estivesse em algum filme noir dos anos 40. Sobretudo marrom, chapéu, sapatos impecáveis, em contraste com Emanuel, com seu pijama de moletom branco de duas partes e chinelos. O contraste se estendia à idade dos homens. O agente não parecia ter mais de trinta e poucos anos; Emanuel estava com 95.

— Você é o Emanuel Pereira, não é? — perguntou o agente.

— Chegou bem na hora, agente Magalhães — respondeu Emanuel, levantando-se de sua cama de hospital. — Não temos muito tempo, a enfermeira aparece em uns 20 minutos.

— Você tinha tanta certeza de que eu viria? — estranhou o agente Caio Magalhães, tirando o chapéu de maneira instintiva ao ver o idoso se sentando.

— Você disse que era um homem de palavra — respondeu Emanuel com um suspiro. — Confesso que estou ansioso. Pode pegar o meu casaco, por favor? E acho pertinente informar que sofro de Alzheimer e, embora minha clareza de pensamento te deixe perplexo, ela pode desaparecer a qualquer hora.

O agente sorriu.

9

LAPSOS EM ALJUBARROTA

GERSON LODI-RIBEIRO

A portugueses! Pellejar, filhos e
senhores, por vosso rey e por vossa
terra!

*NUNO ÁLVARES PEREIRA, em
Aljubarrota, 14 de agosto de 1385*

"— JULIA, PODERIA dar um pulo aqui?" — Escuto meu supervisor sussurrar através dos nossos implantes de comunicação.

— Conectar. — Distraída com o trabalho, determino ao meu heurístico que abra o contato de holopresença. Nada acontece.

"— Não, querida." — Ouço sua respiração quando suspira fundo. — "Venha aqui no meu gabinete. Presencialmente."

— Tudo bem. — Pauso o cronorregistro no holotank que exibe uma tomada aérea realizada no cotidiano de Conímbriga na primeira metade do segundo século da Era Comum e me levanto da poltrona. Ao perceber minha intenção, o gerente do ambiente de trabalho dilata a escotilha do aposento.

Tudo bem é o caramba. Porque, se Monteiro me convocou ao seu gabinete, a coisa deve ser séria.

IO

DIA 27

JORGE STOLFI

Capítulo I

Entra Dia

MERER AJUSTOU sua tanga branca e a touca, passou na cozinha para garantir que o fogo estava apagado, pendurou o cesto de ferramentas no ombro, e saiu para mais um dia de trabalho.

Tinha muita coisa de que ele não gostava neste emprego, incluindo o calor do meio-dia e a poeira nas pedreiras; mas nunca reclamava em voz alta porque uma transferência provavelmente seria para algo pior. Como aconteceu ao seu colega Tut, que agora estava na Inglaterra — todo dia dirigindo o guindaste aberto, entre a chuva fria e a lama, comendo aquela comida horrível deles lá. Aqui pelo menos o céu era limpo onze meses por ano, e a comida não podia ser melhor. "E tem as tâmaras," pensou, "benditas tâmaras!"

Em poucos minutos desceu até o cais, e tomou seu lugar na barca para Tura. A viagem era rio acima, mas o Nilo naquele lugar era tão manso que parecia lago. Em vinte minutos estava na pedreira, ainda meio vazia.

Subiu pelos degraus enormes com ajuda das escadinhas de madeira. Hoje o corte seria no quinto nível, e talvez desse tempo de começar no quarto também. Posicionou cuidadosamente a treliza com os trilhos para obter blocos da largura correta. Instalou numa ponta dela o maçarico plasmatrônico, no ângulo padrão de 51.84 graus, e ajustou a mistura de raios ultra-X e pósitrons no feixe até o corte atingir a profundidade desejada.

Em teoria agora podia até tirar uma soneca enquanto a máquina andava sozinha pelo trilho, a passo de tartaruga, transformando o calcário numa espessa nuvem de poeira

II

O BRAÇO LONGO DO PAI NEGRO DE ALÉM-MAR

GERSON LODI-RIBEIRO

DEPOIS DE vários controles e passagens por corredores, antessalas e postos de sentinelas armadas, defensor e protegido são enfim admitidos na antecâmara e se apresentam ao oficial de gabinete sentado à mesa ao lado da porta fechada.

— Tenham a bondade de se sentarem, meus gangas. — O banto de farda cinza-escura e platinas que indicam a patente de soba de corveta se levanta, presta uma continência perfeita aos recém-chegados e então se dirige à porta da câmara do almirante. — Verificarei se o Ganga Azeviche se dispõe a receber Vossa Senhorias agora.

João Anduro troca um olhar rápido com Dentes Compridos. A Marinha que ambos conheceram tão bem em duas épocas mui distintas está a mudar como sempre o fez e nenhum dos dois tem certeza de que tais mudanças foram e são para o melhor. De todo modo, o Grão Soba do Ébano determinou que eles se apresentassem ao Grão Almirante Negro. Quando o ebâneo indagou quanto ao teor da nova missão, Mestre Kanjika informou que tal lhes seria detalhado pelo próprio Ganga Azeviche.

O defensor se sentiu intrigado. Na qualidade de comandante supremo de todas as forças navais da Primeira República acá e em África, o Azeviche é considerado o terceiro mbundo mais importante de Palmares, tão somente atrás de Sua Basta Negritude o Zumbi e do Ganga-Muíça do Exército. Uma vez que os Azeviches já não prestam contas aos Muíças desde meados da década de 1780, pero que apenas ao zumbi em pessoa e, dada a proeminência recente das missões cumpridas pelos vasos e meios da Armada, há vozes no Almirantado que advogam que o Ganga Azeviche seria de facto o segundo mbundo

I 2

JULIA

B. B. JENITEZ

DE BAIXO DOS pinheiros o ar estava fresco e calmo. Ali, perto do restaurante universitário, era o nosso lugar de encontro após o almoço. Eu estava sentado na grama lendo uma *New Scientist* e apenas percebi sua chegada um momento antes de receber um beijo macio. Por um momento pensei que tudo estava bem, e que ela me daria alguma explicação para tudo o que eu havia descoberto no dia anterior e que me havia deixado tão perturbado. Julia sorria enquanto sentava na grama ao meu lado:

— Frango, maionese, arroz à grega e pudim de baunilha! Parece que eles querem impressionar o pessoal da Escola de Verão ...

— Sua boca está com gosto de baunilha — disse tentando brincar para esconder minha inquietação. Ela se aninhou no meu ombro, o perfume do seu cabelo trouxe lembranças deliciosas que me deixaram ainda mais triste:

"Meu Deus, quem é ela? Alguém que aprendi a amar e a confiar, tanto, de modo tão forte, apenas para descobrir que é uma estranha, ou talvez uma louca ... Será que seu nome verdadeiro é Julia, ou tudo o que se refere a ela é uma farsa completa?" Estava magoado por ela não ter confiado em mim, ter mentido para mim. Felizmente Julia não podia ouvir meus pensamentos. Fitou a revista que eu tinha nas mãos:

— O que está lendo? Algo de Física? Falou naquele seu jeito suave.

— É sim, um artigo bastante interessante — comentei friamente. Ao que parece as pesquisas em Supercordas vieram reforçar uma antiga interpretação da Mecânica Quântica, hoje fora de moda, que dizia que a função de onda das partículas se subdivide a cada interação ...

I3

FACADA NO CORAÇÃO DO MUNDO

RODRIGO SILVA DO Ó

ERA RARÍSSIMO o SPIRITCOM tocar. No máximo duas ou três vezes por ano, Natal, Dia das Mães, quando a Zíbia e o pai, seu Leon, falavam com dona Joana. Mas tocou.

Quem poderia ser?

—Boa tarde, comunicação de Marduk!" — Zíbia ficou atônita — "O meu nome é Eusápia, consegui o seu contato com o doutor Kepler aqui no Laboratório. Espero que você esteja bem. Quero marcar um horário. Quero resolver um caso muito sério".

A Zíbia ainda estava tonta, mas reuniu toda a sua concentração para perguntar:

—Qual caso?

—Quero saber quem me matou.

Como alguém poderia ser assassinado sem saber por quem? Como, no planeta Marduk, o mais avançado tecnologicamente, orgulhoso de ser o berço da transcomunicação, eles não teriam tido condições de investigar e descobrir? Poderia ser alguma armadilha, mesmo que fosse difícil entender o objetivo e o mecanismo.

—Vamos começar do começo. Quem é você? Quando e como você morreu? E, mais importante, por que me procurou?

Um barulho forte de estática cobriu o som que já era distante e cheio de interrupções.

14

TINTAS DA NOITE

MIGUEL CARQUEIJA

A SOMBRA da torre de purificação atmosférica, Rita e Ariel observaram as muitas aeronaves que congestionavam o céu naquele crepúsculo, um crepúsculo que espalhava uma cor de mata-borrão enquanto não vinha a noite verdadeira.

Não havia muito tempo para devaneios, mas as duas eram, apesar de suas atividades pouco convencionais, mulheres sensíveis. A purificação do ar resultara na melhor visibilidade das estrelas, que começavam a aparecer.

— A Porta de Cristal... — murmurou Ariel.

— O que tem?

— Como o que tem, amiga? Trabalhamos para ela. Não podemos ficar paradas contemplando o crepúsculo, temos de agir.

— Então não sei disso? Mas somos humanas, apesar de tudo...

No outro lado da grande Praça Auricular existia um espigão gigantesco, cujo arcabouço moderníssimo era à base demagiplast e vidro cristalino. Ali ficava a sede da Peristalt, a poderosa mega-corporação que nos últimos anos crescera tanto e, segundo as informações secretas obtidas pela Porta de Cristal, era grandemente responsável por muitas das desapareições de seres humanos que se verificavam hodiernamente. O Dossiê Peristalt, que o Chefe mostrara a elas em parte, afigurava-se algo terrificante: como uma Umbrella da vida real, estendendo tentáculos malignos no Estado, na iniciativa privada, na sociedade em geral e através de vários países.

A Peristalt.

Como sempre, as agentes de campo da Porta não sabiam de onde vinham as informações que a chefia utilizava com tanta desenvoltura. Desta vez, porém, a magnitude

TEMPESTADE DE POEIRA

CELSO CARVALHO

I. Poeira

A NUVEM suja impedia a visão para além do acostamento. Um mundo marrom e cinza de vento imundo. Verifiquei outra vez as informações do alvo, usando a visão aumentada. Nas lentes, as projeções vieram com lentidão e travamentos. Era só chover ou ter Poeirão que o sinal vacilava.

— Sei não, Alê — falei. — Acho que esse cara vai dar trabalho.

A mulher no banco do motorista, cujos lábios grossos tocavam o copo de café, riu e balançou a cabeça. Ela era branca com traços de preta, ao contrário de mim, marrom com traços de branco. Dois mestiços numa cidade cheia de mestiços. E que, geralmente, não gostava muito de mestiços. Pra falar a verdade, cada vez mais acredito que essa cidade não gosta de seres vivos e orgânicos em geral.

Como muitos, usamos chip neural para ser parte da sociedade. Atrás das orelhas, portas de acesso e slot para memória. Nos braços e mãos, chips biocibernéticos, cobertos por tatuagens.

— Tá com medo, Pepe?

— De um maluco das Guerras Eurasianas? Você não? — cocei as laterais raspadas do cabelo.

Eu preferia usar um corte mais estilo militar, raspado dos lados e baixo em cima. Não que eu fosse um. Era mais pela praticidade. A Alessandra também raspava as laterais dos cabelos, mas tinha um belo moicano platinado, em degradê para o preto. Às vezes pendia para um lado, às vezes para o outro.

O NEVOEIRO

URSULLA MACKENZIE

A TRIPULAÇÃO permanece assustada e nenhuma providência tomada pelo capitão de nossa embarcação, conseguiu aplacar o temor que, nestes últimos três dias, têm nos assolado.

Nossa má sorte teve início assim que partimos de uma pequena ilha do Pacífico. Os nativos nos alertaram para o perigo: ninguém deveria navegar para o noroeste, onde, segundo as lendas locais, os deuses adormecidos repousavam nas profundezas do mar.

Nenhum membro da tripulação ficou incomodado com o aviso, a não ser o velho timoneiro, o único com bom senso para prestar atenção aos detalhes. Além de ser o homem mais experiente da tripulação, o velho aprendeu nesta profissão a render respeito a qualquer tipo de tradição. Segundo ele, nem mesmo a credence mais tola deve ser ignorada: na vida ou no mar, existe uma verdade oculta que dita as regras.

Como um apreciador ingênuo das lendas marítimas, fiquei secretamente encantado com a possibilidade de um encontro com os tais deuses. Essa ideia foi logo contrariada pelo velho timoneiro: “Meu rapaz, nunca deseje aquilo que pode anular a sua vida”.

Naquele momento eu sorri do sábio conselho, e me pareceu que o velho dizia isto porque tinha passado tempo demais acreditando em superstições. Contudo, somente a vida ensina, seja aos velhos ou aos jovens, e a todos aqueles que estão no meio do caminho, a nunca duvidar de um bom conselho.

Se haviam ou não deuses adormecidos nas profundezas do mar era impossível comprovar, mas os nativos foram categóricos ao afirmarem com veemência que cruzar aquelas águas seria um fato desrespeitoso, onde se corria o risco de despertar a ira divina.

17

O RAI0

ANDRÉ C. R. MARTINS

A PONTA da orelha do cavalo que, momentos antes, se exibia orgulhoso sobre a colina próxima ao acampamento deixou de existir em uma fração de segundos. O animal, até então orgulhoso, correu sem direção, cego. O raio que levava parte de sua orelha iluminou toda a paisagem, queimando retinas, tornando o Sol nada mais do que uma estrela sobre um céu escuro.

A maioria das pessoas da caravana estava do lado de fora, almoçando. Estavam em um vale, abaixo da colina onde os cavalos estavam há pouco. Mesmo essa distância não fora o suficiente para preservar seus olhos. O intenso clarão vermelho que inundara todo o vale, calando todos os ruídos da região, estava agora marcado em suas visões. A maioria voltaria a ver em um ou dois dias. Não mais perfeitamente, uma visão borrada que ainda melhoraria com o tempo para alguns. Uma semana mais tarde, a caravana estaria pronta para partir novamente. Mas, naquele momento, as pessoas apenas sabiam que tinham perdido a visão.

Por sorte, alguns poucos estavam dentro de um dos vagões de madeira, fechados atrás de paredes sólidas. As paredes haviam começado a brilhar em um estranho tom de vermelho, mas não o suficiente para causar qualquer dano, apenas o incômodo de sair ao Sol. Ainda assim, o medo de um incêndio levou as quatro pessoas que ali estavam a correr para fora. Felizmente, o raio que causara toda a destruição do lado de fora já tinha terminado quando conseguiram abrir a porta. Logo, corriam por todo lado, atendendo e consolando todos os que não mais enxergavam.

FRONTEIRA CIBORGUE

CELSO CARVALHO

QUANDO o mundo colapsou, os homens procuraram culpados. Mas, como sempre, preferiram *culpadas*. E as ciborgues estavam bem ali para, uma vez mais, servir aos caprichos deles.

Milena pegou impulso e correu pela neve. As juntas aqueceram, ecoando um zumbir grave nas nanobaterias, e ela saltou. Ergueu os dois braços de titânio diante do rosto, estilhaçando a vidraça do extenso galpão.

Usar os membros como escudo não foi o suficiente para impedir que pequenos fragmentos cortassem sua pele, da testa à bochecha. Filetes rubros desceram, aquecidos e ardentes na pele escura, até alcançar os membros metálicos.

— Milena, você é propriedade da Companhia dos Homens Ocidentais, acusada de Crimes de Guerra contra o Estamento — a voz soou no megafone lá fora. — Você está cercada. Renda-se ou será pior.

Pior? O que seria pior?

Parada ao lado da janela, Milena lançou um olhar discreto para fora, onde as tundras alongavam-se como nuvens eriçadas entre construções arruinadas. Caminhonetes com metralhadoras nas carrocerias pararam ao lado de uma carcaça de aeronave. Duas motocicletas circulavam entre os galpões, seus garupos erguendo fuzis automáticos.

Tomou fôlego e olhou para frente, para o janelão do outro lado. Talvez alcançasse com um salto. Caso o ferimento no abdome, presentinho de quando a perseguição começou, não a derrubasse antes.

— RC-7 Milena, é sua última chance, piranha!

19

PISTA NORTE

URSULLA MACKENZIE

N O FIM da década de setenta, participei com entusiasmo da inauguração da Pista Norte de uma das mais importantes rodovias do estado de São Paulo.

Com tecnologia de ponta, a audaciosa obra empregou mais de treze mil trabalhadores e cem engenheiros. Mesmo sendo um recém-formado, pleiteei uma vaga junto à concessionária que administrava o projeto.

A concorrência era intensa com um período de três meses de treinamento, onde somente os melhores trainees seriam admitidos. Me dediquei com afinho as tarefas e demandas - por sorte ou azar - me destaquei com pontuação máxima, garantindo assim o meu primeiro emprego formal como Assistente de Inspeção de Obras de Engenharia Rodoviária.

Naquela época, eu não poderia estar mais feliz: eu era ambicioso, jovem, pragmático, com um bom salário assegurado por um contrato de cinco anos de trabalho para participar ativamente de um projeto que iria perdurar por séculos.

Contudo, minha inexperiência e visão romântica do projeto, não me permitiu elaborar todos os prós e contras que aquele trabalho iria ter em minha visão de mundo, ou melhor, realidade.

Pudera eu prever, que aqueles anos seriam decisivos, não só para mim — mas ousar dizer — para a humanidade.

É claro que dito assim, isso parece muito mais algo que jamais poderia ser previsto. No entanto, hoje enxergo com clareza que haviam sinais que passavam despercebidos, os quais eram evidentes e persuasivos.

20

A DEBANDADA

ANDRÉ C. R. MARTINS

QUANDO VOCÊ está na selva e vê um animal correr, você deve se preocupar. Pode haver um predador ou algum outro tipo de perigo por perto. Mas quando vê uma debandada, zebras, leões e papagaios todos junto fugindo sem se importar com quem corre ou voa ao lado, é melhor não parar para pensar. O que quer que seja, há um problema sério e motivo para temer. Corra também. Mas, se você estava em uma caverna e só ouviu o barulho, ecoando por todas as paredes e, quando você finalmente sai ao ar livre vê a floresta abandonada, você deveria fugir. E correr na mesma direção que os demais correram. Se você não conseguir saber que direção é essa, há motivos de sobra para pânico.

Sofia Chen ordenou a abertura da última porta de sua nave com aquele pensamento se repetindo. Ela havia pousado quatro havia quatro dias no meio do que parecia ser um parque na principal cidade de Êxodo-7, tendo saído da hibernação apenas um dia antes. Todas as medidas que ela pudera realizar para a segurança da nave haviam sido tomadas. A atmosfera não tinha oxigênio suficiente para ser confortável mas, até onde ela sabia, não seria fatal se ela tivesse de respirar um pouco. As bactérias locais pareciam não ser muito eficazes contra a tripulação, mas era impossível saber com certeza o que poderia estar escondido ali. E não havia substitutos, a tripulação inteira era ela e o Sombra, o ciberóctopus que trouxera para auxiliar na tradução de qualquer linguagem que encontrassem.

Sombra, que acordara há menos de um dia, era uma fusão da elegância do polvo e a precisão da tecnologia. Seu corpo, composto por oito tentáculos flexíveis, tinha uma textura suave e brilhante, com padrões luminescentes que se deslocavam sob uma pele

21

ERRARE HUMANUM EST

JORGE STOLFI

Capítulo —
A Surpresa

FOI A noite escura e tempestuosa, onde nada se ouvia além do barulho característico de rajadas de chuva forte fustigando metal quente e fumegante, entrecortado pelo trovejar de trovões distantes, que primeiro o levou a desconfiar, quando finalmente conseguiu abrir a escotilha emperrada da cápsula, que não estava no planeta Lindor, cujos três sóis proporcionavam um dia perpétuo de temperatura amena e um céu verde-esmeralda eternamente límpido, mas em algum outro mundo infeliz da Galáxia, cujas coordenadas ele pelo visto devia ter ditado incorretamente na confusão da partida apresada.

Capítulo —0
Emergindo

Ao perceber que a tempestade, depois de rugir e uivar por uns vinte quilossegundos sem descanso, parecia ter se retirado daquelas paragens, talvez para travar sua batalha cega e inútil em outra frente, ou pelo menos resolvido unilateralmente lhe conceder uma trégua precária, se bem que talvez fosse uma armadilha, ele, entorpecido e com o traje encharcado pelas gotas que perversamente encontraram e se aproveitaram das frestas em volta da escotilha, amassada entortada pelos seus pontapés desesperados, finalmente se decidiu a sair para o que supôs ser o alvorecer do dia, se bem que ainda enevoad, e a aceitar resignado a fina garoa que o vento gelado ainda lhe atirava por todos os lados.

O ARQUIPÉLAGO

URSULLA MACKENZIE

ESTOU ILHADA neste arquipélago há exatos vinte e sete dias. Em meu bloco de notas mantenho com precisão as informações atualizadas. E assim, meço meus dias e noites à procura de algum sinal de vida pelas redondezas.

Afinal, como bióloga marinha faz parte de meu trabalho catalogar, enumerar e localizar as propriedades e alterações dos espécimes aquáticos. Foi deste modo que passei o último ano, estruturando minha pesquisa de campo.

Concentrada em uma área remota de vinte quilômetros de extensão na costa do Oceano Atlântico, passei incontáveis dias coletando e catalogando corais, ostras e plâncton a bordo de meu modesto, mas eficiente veleiro de pesquisa.

Hoje, parece até bobagem imaginar que um espaço de vinte quilômetros quadrados faça tanta diferença em minha vida. Ouso dizer mais: que este diminuto espaço faça diferença na vida e na morte de um planeta inteiro. Entretanto, antes que eu me aprofunde em um relato analítico desta nova realidade, é de bom tom retomar minhas memórias de modo cronológico e realista.

Somente analisando os fatos e evidências, é que poderei precisar os detalhes mais contundentes que me fizeram chegar ao arquipélago. Por isso, vou retomar minha narrativa no trigésimo dia do Ano I.

Não quero parecer inteligente ou negligente demais, mas a contagem regressiva talvez possa atenuar ou mesmo elucidar a falta de notícias do mundo exterior - se é que ele ainda existe - fora desta diminuta extensão de terra.

Há trinta dias, numa manhã comum e ensolarada como tantas outras, embarquei em meu veleiro Peregrina Alva. Após meia hora de navegação, eu já estava recolhendo alguns

23

SÃO DOIDOS, ESSES FRANCESES

JORGE STOLFI

A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

CAMÕES

Capítulo I O Enviado

—CAPITÃO BARBOSA!

Com o susto do chamado inesperado, ele puxou o gatilho sem querer. A bala atingiu o alvo no peito, na altura da quarta costela, bem ao lado do terceiro botão. Saiu pelas costas e alojou-se na casca grossa de uma peroba centenária, que nem piscou. Dúzias de pássaros interromperam sua sinfonia habitual e saíram em revoada entre as copas espessas.

— Veja o que você fez! — gritou o Capitão, largando o arcabuz e correndo para o toco de árvore onde estava pendurado seu casaco. — Era para ser no ombro, não no peito! Já tinha a história pronta de como enfrentei uma quadrilha de franceses, e eles me